

Principais considerações/conclusões do Workshop MONTIS- NATIVA “Gestão de espécies invasoras em Portugal: onde estamos e para onde queremos ir?” – versão draft, sujeita a ligeiras alterações -

Partindo dos objectivos propostos, e considerando tanto as apresentações como as discussões, mais ou menos formais, dos projectos e dos grupos de trabalho, partilhamos as principais considerações/ conclusões do Workshop:

1) Reunir projectos¹ que lidem com gestão de espécies invasoras em Portugal

Neste primeiro Workshop estiveram presentes gestores de projecto de conservação, técnicos de associações florestais, de autarquias e de conservação da natureza, empresas de produção florestal e de infraestruturas públicas, associações de conservação da natureza, estudantes, investigadores, pequenos proprietários rurais, etc. Apesar de nem todos os participantes estarem ligados a projectos de gestão de espécies invasoras, no conjunto conseguiu-se uma representatividade de vários tipos de projectos e espécies.

Apesar dos convites e divulgação terem abrangido outras entidades e espécies, a maioria dos participantes estavam ligados a projectos com plantas invasoras. Num próximo evento será feito um maior investimento na diversificação, de forma a aumentar a representatividade de participantes que lidem com animais invasores, e também de entidades como autarquias, Associações Florestais, ICNF, etc. que estiveram pouco representados neste primeiro workshop.

Além dos projectos e das entidades representadas, recolheram-se referências de outros projectos e entidades que se tentará contactar de forma a ir completando a rede de contactos.

Os participantes concordaram que há vantagens em trabalhar em rede, nomeadamente através da partilha de experiências, conhecimentos, contactos, etc., na perspectiva não só de se saber o que está a ser feito em Portugal a este nível, mas também para servir de orientação a quem precisa gerir espécies invasoras.

2) Discutir projectos¹ de gestão de espécies invasoras em Portugal – o que correu bem e menos bem

Foram apresentados vários projectos (ver link para apresentações mais abaixo), tentando abordar diferentes áreas de actuação e espécies, discutindo o que correu bem e menos bem. Adicionalmente, outros projectos e iniciativas foram já registados na base de dados. Este Workshop foi um primeiro passo, mas a base de dados de projectos e outras iniciativas encontra-se em construção. Pode registar projectos e iniciativas aqui.

3) Promover a discussão de forma a dar um contributo para uma abordagem mais estratégica da gestão de espécies invasoras em Portugal

A troca de experiências foi construtiva e várias ideias foram-se destacando ao longo do dia, nomeadamente:

Painel 1 - Gestão / Conservação

- O trabalho em rede tem potencial para aproximar entidades/pessoas com interesses diferentes que têm o objectivo comum de melhorar a forma como se gerem as espécies invasoras, procurando melhores soluções.
- O trabalho em rede permite uma melhor difusão de Práticas de Referência, contribuindo positivamente para a criação de mecanismos de replicação de boas práticas e minimização de práticas potencialmente prejudiciais, apesar de estas práticas precisarem ser adaptadas aos objectivos de gestão e contexto da área afectada.

¹ De forma a simplificar a linguagem usamos “projecto”, mas este termo é usado num contexto abrangente, referindo-se a um leque variado de iniciativas que envolvem espécies invasoras, não necessariamente projectos de controlo.

- O trabalho em rede pode ser uma mais-valia para a gestão de espécies invasoras, precisando funcionar em vários sentidos, nomeadamente entre quem produz conhecimento, técnico e científico, e quem está no terreno a implementar projectos de gestão (a mesma pessoa/entidade pode ter os diferentes papeis).
- É importante que tanto os resultados positivos como os negativos sejam partilhados de forma a estarem acessíveis a quem precisa implementar, investigar ou disseminar informação, permitindo constantes melhoramentos em ambos os níveis.
- É importante partilhar (e implementar) análises de custo/benefício das metodologias e abordagens utilizadas de forma a auxiliar a decisão de quem precisa planear e implementar um projecto.
- A gestão das espécies invasoras pode ser encarada em escalas territoriais distintas. Uma estratégia centralizada permite mais facilmente potenciar o financiamento, através de soluções mais abrangentes, priorizando áreas de intervenção; esta priorização depende da análise do impacto das espécies invasoras, devendo incluir além da área invadida, também as perdas económicas, sociais e ambientais associadas. Precisa ainda ter em conta a exequibilidade e probabilidade de sucesso de gestão da área, considerando o contexto onde se insere e os recursos disponíveis a médio-longo prazo. Por outro lado, podem (co)existir estratégias com escala local, recorrendo sempre que possível a uma rede de partilhas de boas práticas.

Painel 2 - Governança, Participação e Envolvimento

- Foram apresentados vários projectos (ver apresentações) que têm contribuído para o controlo de espécies invasoras com envolvimento de diferentes públicos, nomeadamente voluntários.
- Os cidadãos podem envolver-se em vários tipos de iniciativas/abordagens, desde colaborar em acções de controlo de espécies invasoras, auxiliar na detecção-precoce ou vigilância de espécies (como é o caso da vespa asiática ou da vassoura-de-folha-estreita, *Baccharis spicata*), contribuir para recolha de dados de distribuição de espécies invasoras, em projecto de ciência-cidadã (por exemplo, ajudando a mapear as plantas invasoras ([link](#))), colaborar com Associações de Conservação da Natureza em desenvolvimento ou manutenção de plataformas informáticas, marketing digital, desenvolvimento de iniciativas, etc., actividades de *Team-building*, etc.
- Apesar de não ser fácil motivar (e manter motivados) os voluntários, há algumas estratégias que podem ajudar. É importante fazer os voluntários sentirem-se parte do projecto e de algo maior, para além da actividade em que participem. Para isso, deve evitar-se instrumentalizar os voluntários, tentando mantê-los a par dos desenvolvimentos e resultados dos projectos, e dando retorno das actividades em que participam e do projecto como um todo. Dar formação/*briefing* no início das actividades, de forma a ser claro quais os objectivos e o que cada um precisa fazer é também útil neste contexto, além de poder ser uma forma extra para motivar e envolver os cidadãos. Algum tipo de reconhecimento ou recompensa pode ser motivador para algumas pessoas. Quando possível, é vantajoso construir uma relação pessoal, ajudando na motivação e “fidelização”.
- O tipo de actividade, abordagem, linguagem, horários, etc. precisa ser adaptado ao público-alvo.
- Dependendo do tipo de actividade, pode ser proveitoso calendarizar as actividades com antecedência, de forma aos voluntários saberem com o que podem contar ao longo do tempo, criando alguma habituação.
- A diversificação do tipo de actividades disponibilizadas pode ajudar a manter o interesse e motivação para participar; eventualmente conjugando actividades que envolvam invasoras com outras actividades, por exemplo acções de plantação, passeios temáticos, etc.
- Do ponto de vista do voluntário que procura actividades em que se envolver, pode ter vantagem diversificar a área geográfica das actividades de forma a manter a novidade e atracção.
- O financiamento de projectos que envolvem diferentes públicos no controlo de espécies invasoras, pode passar por programas diversos como sejam o Programa LIFE, QREN, IPDJ e ERASMUS + (estes dois financiam acolhimento de voluntários), ONGAs, entidades privadas, etc.
- A [Confederação portuguesa de voluntariado](#) tem informação interessante para voluntariado.

Painel 3 - Novas Abordagens

- É preciso encontrar abordagens inovadoras que otimizem a prevenção e a detecção precoce de espécies com potencial invasor que começam a estabelecer-se e dispersar. Os cidadãos e voluntários podem ser uma ajuda importante neste contexto.
- Em rede, com diferentes visões, é importante identificar as áreas e espécies prioritárias para depois se procurarem novas abordagens (desde métodos de controlo, possíveis utilizações, etc.) focadas nessas espécies.
- Foi debatida a questão de se poder tirar proveito/ utilizaras espécies invasoras, tema que tem motivado alguns estudos inovadores. É consensual que as utilizações dos resíduos de controlo pode ajudar a financiar o próprio controlo (exemplo do uso das cascas de acácia em composto; ou do uso de várias espécies para biomassa), mas é importante não promover o aumento das espécies, o que poderia potenciar o problema.
- O controlo natural/biológico de plantas invasoras é uma abordagem nova em Portugal que poderia ser muito mais usado na gestão de espécies invasoras. A nível de pragas de plantas já se usa com alguma dimensão, mas para combater plantas invasoras ainda está a começar. Foram discutidos alguns exemplos, como o controlo natural de acácias, fungos (nativos) para touças de eucaliptos, fungo nativos para háquea-picante, parasitóide para controlo da vespa-da-galha-do-castanheiro, etc.
- É preciso apostar em estratégias inovadoras que ajudem a aumentar a sensibilização sobre o tema, por exemplo, incluir de forma prática o tema das invasões biológicas nos currícula escolares (desde os mais novos aos universitários), entrar no “elenco novela da noite”, apostar em imagens “fáceis e visíveis/espécies bandeira” que ajudem a passar a mensagem, inovar no “marketing”, etc.
- É preciso novas abordagens para que a informação sobre gestão de espécies invasoras chegue aos pequenos proprietários e aos meios rurais
- É preciso inovar nos canais de comunicação – e.g., criar redes com mais interacção que facilitem por exemplo a identificação das espécies e aumentar ligação a outras redes do mesmo tipo

4) Discutir uma possível “rede” multi-institucional que fomente a cooperação e melhore a forma como se gerem espécies invasoras em Portugal.

Os vários participantes mostraram interesse em integrar esta rede. Foram discutidas algumas ideias/iniciativas a desenvolver pela rede.

Curto-prazo/6 meses – 1 ano:

- Fazer (e disponibilizar) bases de dados de: 1) projectos de gestão e controlo de espécies invasoras; 2) programas de financiamento e empresas potenciais que possam financiar diferentes iniciativas; 3) contactos de entidades/pessoas envolvidas que trabalhem com espécies invasoras
- Começar a expandir o invasoras.pt a animais invasores – contactar pessoas para a rede
- Aumentar a rede de contactos
- Fazer um 2º Workshop

Médio-prazo/2 – 3 anos:

- Criar um evento anual, à escala nacional (tipo [Weedbusters](#)), que envolva iniciativas variadas cujo fio condutor sejam as espécies invasoras, desde acções de controlo, sensibilização, vigilância, mapeamento, etc.
- Criar um símbolo/logotipo para associar a iniciativas diversas que envolvam espécies invasoras, tipo “bandeira azul”
- Criar “Grupos Focais” para diferentes grupos taxonómicos ou temas